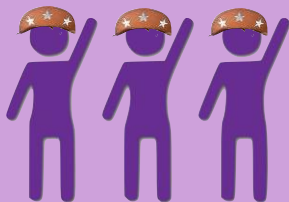




ARTIGOS



Configurações de Masculinidade(s) e Bem-estar Psicológico dos Homens

Carla Regina França, *Pontifícia Universidade Católica do Paraná*

André Lucas Santos Rodrigues, *Pontifícia Universidade Católica do Paraná*

Erick Figueredo Santos, *Pontifícia Universidade Católica do Paraná*

Isabelle Elisandra Kuch, *Pontifícia Universidade Católica do Paraná*

Victória Maria Pinto Cordeiro, *Pontifícia Universidade Católica do Paraná*

Resumo: O presente estudo objetiva demonstrar como a emancipação da masculinidade hegemônica tem impactado na saúde mental do homem contemporâneo. A masculinidade hegemônica pode ser compreendida como aquela expressão, dentre diversas outras, que se torna dominante em determinado espaço e tempo, sendo considerada a forma mais honrada de ser homem, oprimindo a manifestação de quaisquer outras expressões divergentes – essas denominadas subalternas. Considerando os diversos estudos que têm relacionado comportamentos auto e heteroagressivos como desempenhados por homens em sua maioria, coloca-se em reflexão a relação desses com a compulsoriedade normativa da incorporação de uma masculinidade viril, dominante e insensível desde tenra idade. A pesquisa configura-se como um estudo com abordagem quantitativa e qualitativa, tendo como principal instrumento de coleta de dados um questionário online elaborado pelos pesquisadores. Como resultado, 491 homens participaram da pesquisa, sendo que destes, 19 se aproximaram de um padrão hegemônico de masculinidade e 472 se aproximaram de um padrão subalterno da mesma. Através da análise de resultados, observa-se que a compulsoriedade da expressão da masculinidade hegemônica impacta direta ou indiretamente na autonomia emocional e identidade dos homens, dificultando (con)vivências e relações autênticas, o que pode acarretar complicações em sua saúde mental.

PALAVRAS-CHAVE: Masculinidades. Saúde Mental. Bem-Estar Psicológico. Gênero.



CARLA REGINA FRANÇOIA, ANDRÉ LUCAS SANTOS RODRIGUES, ERICK FIGUEREDO SANTOS, ISABELLE ELISANDRA KUCH, VICTÓRIA MARIA PINTO CORDEIRO.



Introdução

Ao ser questionada a estrutura rígida e compulsória dos papéis de gênero na atualidade, diversos sujeitos têm se distanciado desses estereótipos, resistindo e buscando diferentes e múltiplas formas de expressarem suas subjetividades. Contudo, certos padrões e posturas são tão cristalizados social e historicamente que necessitam ser constantemente reafirmados.

Nesse sentido, tratamos a masculinidade hegemônica como reflexo do homem que apresenta esse padrão de reafirmação e validação contínua de sua virilidade. Os homens que performatizam esse modelo se distanciam de tudo aquilo que compete ao "universo feminino", como a expressão de sentimentos, medos e fraquezas, enquanto buscam incansavelmente maneiras de atestar seus atributos viris, estes ligados a ideais de agressividade, competitividade e dominância. Os homens que se desviam desse padrão hegemônico são tomados por um sentimento de incongruência, afinal, se percebem desidentificados.

Exemplo disso são os homens transexuais, barrados no convívio social desde o início de suas expressões de gênero masculinas devido à categorização biológica imposta de constituírem-se enquanto um corpo "feminino", que, por consequência, está fadado a performatizar a expressão de gênero dita feminina. Por conta disso, são corpos considerados abjetos pelas lentes da masculinidade hegemônica, sendo assim silenciados e limitados em suas relações sociais e formas de ser no mundo devido a crença de superioridade do homem. Tal funcionamento compulsório de uma expressão estética e comportamental cisgênera em sujeitos transgêneros é, então, responsável por acometimentos psicopatológicos e grande sofrimento psicossocial e emocional pela restrição e imposição de repertórios comportamentais pré-determinados socialmente pela cultura opressiva da cisheteronormatividade (PINHO et al., 2021; PASSOS; CASAGRANDE, 2018).

A masculinidade hegemônica apresenta efeitos perigosos, como apontado pelo estudo realizado pela Flacso Brasil – Mapa da Violência 2015 (WAISELFISZ, 2015), em que se evidencia o número de suicídios de



homens no país cerca de quatro vezes maior do que o de mulheres. Já no estudo da IPEA – Atlas da Violência 2017 (BRASIL, 2017), é colocado que dez vezes mais homens morrem em decorrência da violência quando comparado ao índice de mulheres e que, entre os jovens de 15 a 19 anos, 58,8% das vítimas fatais são homens. Contudo, essas implicações não atingem somente os homens; de acordo com o estudo supracitado da Flacso Brasil – Mapa da Violência 2015, a 5ª maior taxa de feminicídio do mundo pertence ao Brasil.

Com relação a saúde mental masculina, a Associação Americana de Psicologia (APA) destaca, em seu documento intitulado “*Boys and Men Guidelines Group: guidelines for psychological practice with boys and men*” (APA, 2018), o quanto os padrões de masculinidade tradicionais são prejudiciais a nível psicológico. O documento atesta que homens criados nesses moldes costumam negligenciar cuidados preventivos com a saúde, além de que, com frequência, assumem comportamentos de risco, como beber e fumar em excesso. Os dados apontados reforçam a necessidade de fomentar a discussão e produzir conhecimento acerca da masculinidade hegemônica e seus ideais com o objetivo último de gerar mudanças.

Por outro lado, há uma parcela de homens desidentificada com esse ideal vigente. Esses sujeitos têm encontrado maneiras plurais e flexíveis – consideradas subalternas – para performatizar seu gênero, distante dos estereótipos, diluindo assim sua potência. Dessa forma, a busca pela compreensão da masculinidade hegemônica e das subalternas acrescenta valor para a ciência e para a prática psicológica, posto que a emancipação do padrão hegemônico se direciona a uma existência plena e legítima. Dessa forma, esse estudo se propõe a demonstrar como a emancipação da masculinidade hegemônica pode impactar na saúde mental do homem contemporâneo, relacionando diferentes padrões de masculinidade com suas manifestações de saúde mental e investigando percepções individuais a respeito de sua masculinidade, bem como a forma em que este estabelece relações e afetos.



CARLA REGINA FRANÇOIA, ANDRÉ LUCAS SANTOS RODRIGUES, ERICK FIGUEREDO SANTOS, ISABELLE ELISANDRA KUCH, VICTÓRIA MARIA PINTO CORDEIRO.



Masculinidades: Um Conceito Plural

No estudo das masculinidades é certo conceber tal conceito em sua multiplicidade de manifestações e, conseqüentemente, estar atento à inexistência de um modelo de masculinidade único, universal e inerte. As masculinidades, portanto, apresentam uma variedade ampla, que contempla as variáveis de tempo, espaço, classe, gênero, etnia, dentre outros marcadores importantes. Kimmel (1998) aponta que as masculinidades variam entre as culturas, assim como dentro de uma mesma cultura em diferentes períodos e através de um conjunto de outras variáveis, bem como variam de forma idiossincrática, de acordo com as vivências individuais de cada homem.

Nesse sentido, Connell (1995, p. 188) apresenta a seguinte definição: “[...] a masculinidade é uma configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero”. Assim, é importante pontuar, segundo a autora, que essa configuração de práticas diz respeito às ações concretas dos sujeitos, e não ao que é esperado ou idealizado sobre eles; ainda, essas configurações são múltiplas e, conforme mencionado, ao se reconhecer esse fato, as masculinidades devem ser tratadas no plural.

Apesar desses pressupostos serem, no momento presente, bem aceitos por estudiosos da área, nem sempre as masculinidades foram estudadas por esse viés. Em um primeiro momento, os estudos sobre o masculino seguiam um caráter naturalista, portanto, “ser homem” era consequência sexual-biológica. Tal ideia foi sendo institucionalizada na comunidade acadêmica e científica por meio de discursos técnicos-científicos, onde a personalidade e ações dos homens eram circunscritas por uma aparelhagem física e biológica natural (BOTTON, 2007). O homem seria, portanto, aquele sujeito dotado de coragem, vigor físico e moral, autocontrole e vida sexual ativa, características estas que justificaram a ocupação do âmbito público e do trabalho por esses sujeitos (ZANELLO, 2018). Essa perspectiva naturalista foi historicamente construída; Corbin, Courtine e Vigarello (2013) expõem que até mesmo o código regulamentar das vestimentas gregas, por exemplo, era pautado em um ideal das diferenças anatômicas, uma vez que as túnicas utilizadas



pelos homens eram desenvolvidas a partir de um material mais grosseiro que as das mulheres, como forma de diferenciar a realidade viril do macho, se distanciando ao máximo da delicadeza, considerada característica exclusiva do feminino. A partir dos registros encontrados, também é possível perceber que as escrituras que buscavam destacar a figura do homem mais se encarregaram em desonrar a imagem das mulheres do que, de fato, engrandecer o masculino.

Essa visão de uma masculinidade natural e inquestionável esteve vigente até os primeiros estudos feministas do século XX, os quais denunciaram a concepção essencialista das sexualidades. Segundo Botton (2007), tais estudos permitiram o questionamento dos papéis sexuais tidos como naturais e, conseqüentemente, que se pensasse na construção social dos gêneros. Por outro lado, esses primeiros estudos feministas, que tinham como objetivo dar voz às mulheres, recusaram dedicar-se ao estudo do masculino devido à visão de que o homem seria exclusivamente beneficiado pelo sistema de gênero. Os primeiros estudos envolvendo o homem e a masculinidade só foram constatados por volta das décadas de 1970 e 1980 e, com estes, a importância de se refletir o papel de um modelo tóxico de masculinidade na subjugação do feminino clarificou-se, abrindo espaço para se pensar criticamente sobre o “ser homem” e suas decorrências subjetivas e sociais.

Dessa maneira, segundo Pinheiro e Couto (2008), ao mesmo tempo em que os homens ocupam um lugar de privilégio, estes estão também aprisionados pela representação dominante que, por sua vez, é constituída nas relações e exercidas contra a feminilidade, bem como diante e para outros homens, explicitando um caráter de “auto-opressão” na própria construção do masculino, sendo que os homens, geralmente, devem se afastar de todas as características contrárias à virilidade. Segundo Zanello (2018) o fardo desse modelo de masculinidade refere-se a uma necessidade incessante de afirmação e de provação.

De forma geral, admitir a produção histórica, social e cultural de homens e mulheres permitiu que também as masculinidades passassem a ser encaradas de acordo com o momento histórico, áreas geográficas, classe, religiões e orientação sexual (PRIORE e AMANTINO, 2013 apud



CARLA REGINA FRANÇOIA, ANDRÉ LUCAS SANTOS RODRIGUES, ERICK FIGUEREDO SANTOS, ISABELLE ELISANDRA KUCH, VICTÓRIA MARIA PINTO CORDEIRO.

VIANNA JUNIOR, 2017). Com o avanço nos estudos das masculinidades, a percepção de suas diferentes expressões elucidou o fato de que, em diferentes culturas e momentos históricos, um modelo específico de “ser homem” atuava como norma aos demais. Nesse sentido, foi possível formular os conceitos de masculinidade hegemônica e subalterna.

Segundo Kimmel (1998) os ideais de masculinidade hegemônica e subalterna são construídos mutuamente, porém de forma desigual. Dessa maneira, “o ideal hegemônico [...] foi criado em um contexto de oposição a ‘outros’ cuja masculinidade era problematizada e desvalorizada” (KIMMEL, 1998, p. 105). A masculinidade hegemônica, portanto, assume esse termo dentro de um modelo de oposição, onde nega-se o feminino e, também, os demais modelos de masculinidade que fogem à sua norma, conduzindo à subalternidade os modelos de masculinidade concorrentes. Geralmente, os homens que agem de acordo com tal modelo buscam fazer coisas que seus pares definem como masculinas – Connell e Messerschmidt (2013, p. 252) mencionam, por exemplo, “enlouquecer, se mostrar, dirigir bêbado, entrar em uma briga, defender seu próprio prestígio”.

Connell e Messerschmidt (2013) apontam que a masculinidade hegemônica compreende um padrão de práticas que viabilizou a continuidade da dominação dos homens sobre as mulheres. Ela é, de fato, normativa, porém apenas uma minoria de homens possivelmente a adote, pois, embora tal modelo se refira à realidade cotidiana e social dos homens, ele também a distorce. Nesse contexto, pode haver homens que assumem um papel de cumplicidade, ou seja, aqueles beneficiados pelo patriarcado, porém que não adotam uma postura rígida de dominação. Existe também a possibilidade de esquiva por parte de alguns homens frente aos modelos de masculinidade de acordo com suas necessidades relacionais, sendo que estes podem adotar ações voltadas à hegemonia quando pertinente, como também podem estrategicamente se distanciar do padrão hegemônico quando lhes convém.

De maneira geral, as masculinidades – sejam elas hegemônicas ou subalternas – não representam, de forma fiel, um determinado tipo de homem, mas buscam traduzir a forma com que esses sujeitos se



posicionam por meio de práticas discursivas (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013). Para Foucault (1979), as práticas discursivas, juntamente com outros elementos, tais como instituições, tecnologias, padrões arquitetônicos, leis, proposições científicas, dentre outros, compõem os dispositivos, cuja finalidade apoia-se no gerenciamento e controle dos corpos através de estratégias de poder. Tendo em vista o padrão hegemônico da masculinidade, arquitetado em uma sociedade estritamente patriarcal, cuja finalidade seria a de sustentar uma hierarquia entre homens e mulheres e reforçar desigualdades, é possível pensar nesse modelo de masculinidade como um dispositivo.

A hegemonia, nesse sentido, envolve um jogo de poder, tanto em relação às mulheres, como em relação às demais masculinidades as quais subordina, sendo constituída por meio de práticas e de discursos (ZANELLO, 2018). Segundo Foucault (2017), o poder funciona por meio de técnicas, normalizações e controle, sendo exercidos em diversos níveis e formas, para além do Estado e seus aparelhos, em meio a relações desiguais. O discurso, por sua vez, pode atuar como instrumento e efeito do poder. Assim, o poder pode ter como objetivo sujeitar corpos, no caso do poder disciplinar, e/ou se apropriar da vida humana, no caso do biopoder (TAYLOR, 2018).

Ainda, Butler (2015) entrelaça seus estudos acerca dos atos corporais subversivos com a ideia que traz Foucault em *História da Sexualidade: a vontade de saber* quando o mesmo discorre que o construto do sexo, atribuído apenas com um significado, é produzido pela intenção da regulação e do controle sociais da sexualidade; esconde e emparelha de forma não natural diversas funções de sexualidades não relacionadas; e, por isso, apresenta-se no discurso como causa, sendo algo essencialmente intrínseco e específico de um sexo, que tem a função de tanto produzir como tornar compreensível qualquer tipo de sensação, prazer e desejo deste. Ou seja, numa perspectiva causal, os prazeres corporais não são simplesmente redutíveis à dita essência teoricamente característica do sexo, mas tomam o caráter interpretável de manifestações ou signos desse.



CARLA REGINA FRANÇOIA, ANDRÉ LUCAS SANTOS RODRIGUES, ERICK FIGUEREDO SANTOS, ISABELLE ELISANDRA KUCH, VICTÓRIA MARIA PINTO CORDEIRO.

Assim, ao se pensar o atual padrão de masculinidade hegemônica, que, segundo Zanello (2018) é branco, heterossexual e classe média, como um dispositivo que gerencia e controla corpos, nota-se que o mesmo produz homens cuja virilidade deve ser inquestionável, bem como um padrão de antifeminilidade que deve ser reafirmado desde tenra idade. Além disso, a mesma autora aponta que a masculinidade como dispositivo visa, ainda, a eficácia, seja ela laboral ou sexual, em um contexto onde a potência deve ser inesgotável, caracterizando-se, portanto, como um dispositivo de eficácia. Este atuaria também através de diferentes estratégias de poder, que, por sua vez, operariam disciplinando os corpos e fazendo com que os mesmos obedeçam às exigências culturais, regulando as expressões “normais” da masculinidade. É pertinente apontar, também, que para que tudo isso consolide-se, as tecnologias empregadas neste dispositivo exercem um papel fundamental, regulando o que se torna a “essência” de uma masculinidade, bem como os discursos, que criam normas sobre o que é “ser um homem de verdade”.

Dessa forma, masculinidade hegemônica¹ pode ser definida como parte dominante de uma estrutura de funcionamento das expressões de masculinidade, tendo em vista que “[...] incorpora a forma mais honrada de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 245). Outras expressões da masculinidade subordinadas serão, então, chamadas de subalternas, dada a posição inferior de autoridade que ocupam no jogo de poder das expressões. Isso, contudo, não significa que a única expressão possível a ocupar o lugar de hegemonia seja a de ora em voga supracitada e conhecida pela virilidade irrenunciável e distanciamento do “feminino” – o que lhe confere o caráter tóxico, termo popularizado pelos/as ativistas

¹ Tendo em vista a compulsoriedade e o caráter de virilidade irrenunciável, é comum que o termo “masculinidade hegemônica” se confunda ou mesmo seja utilizado como um sinônimo para a chamada “masculinidade tóxica”, contudo faz-se de suma importância didática que seja esclarecida a sinonímia atribuída a ambas colocações. Enquanto a primeira se caracteriza como um construto teórico, de caráter instrumental, a outra reflete a realidade de uma das expressões possíveis da masculinidade. Outrossim, a masculinidade tóxica pode ser entendida como um termo popularizado da expressão de masculinidade até então em dominância, ocupando, por isso, a posição de hegemonia, mas não se confundindo com ela. Tal terminologia assim foi disseminada pelas suas consequências à saúde mental do sujeito, já que “[...] essas tendências masculinas promovem a resistência à dor, à sensibilidade e à psicoterapia e se apresentam geralmente sob a forma de estresse e complexidades da vida do homem moderno” (DUTRA; ORELLANA, 2017, p. 152).



de gênero em razão dos malefícios causados pela alienação no que tange ao lidar com as emoções.

Nesse sentido, “a hegemonia não significava violência, apesar de poder ser sustentada pela força; significava ascendência alcançada através da cultura, das instituições e da persuasão” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 245). Isto é, uma das expressões da masculinidade pode tornar-se hegemônica, caracterizando-se como a expressão em destaque de determinado tempo-espço histórico, mas nem por isso é ou se torna a própria definição de masculinidade hegemônica, uma vez que qualquer outra expressão tem por possibilidade a conquista da hegemonia.

A existência de uma crise da masculinidade também vem sendo discutida nos últimos anos através da possibilidade da insuficiência de ideais identitários hegemônicos para compreender a subjetividade dos homens que se distinguem desse modelo. Nessa perspectiva, a crise se desenvolve a partir dos impasses desse “novo homem” diante do conflito identitário e, por outro lado, da busca incessante pela manutenção do modelo que destaca a hegemonia. A pluralidade em relação às idiossincrasias masculinas provoca a necessidade de conceber essa diversidade e compreender a forma com que o homem moderno se observa, se percebe, estabelece e nutre relações (SILVA, 2006).

O desenvolvimento desse conflito tem origem a partir da conquista de espaço pelas mulheres através do movimento feminista (em que se questionou o padrão branco, europeu e heterossexual do homem ocidental), da entrada destas no mercado de trabalho, do desenvolvimento dos estudos referentes ao gênero, a sexualidade e a paternidade, da maior preocupação do homem com a aparência física e o cuidado estético. O culto à virilidade e o distanciamento de tudo aquilo que compete ao “universo feminino” foi cedendo algum espaço para novas formas de “ser homem”, criando os impasses identitários masculinos atualmente vislumbrados (SILVA, 2000; VIANA JUNIOR, 2017).



Bem-Estar Psicológico e Saúde Mental

O conceito de saúde mental é complexo e estritamente relacionado aos fatores temporais, sociais e culturais da sociedade que a define. Dessa forma, ao longo dos anos, sua definição tem sido aprimorada e atualizada conforme o desenvolvimento de novos saberes nas ciências médica e psicológica, contudo, é de entendimento geral dos estudiosos que a saúde mental excede a simples ausência de transtornos, mostrando-se muito mais complexa (OMS, 2013).

Nos dias atuais, o maior órgão definidor desse conceito é a Organização Mundial da Saúde (OMS), que estrutura a saúde mental através dos critérios de “bem-estar subjetivo, auto-eficácia percebida, autonomia, competência, dependência intergeracional e auto realização do potencial intelectual e emocional da pessoa” (OMS, 2013, p. 7), delimitando-a, em linhas gerais, a “um estado de bem-estar pelo qual os indivíduos reconhecer suas habilidades, são capazes de lidar com as tensões normais da vida, trabalhem produtivamente e frutuosamente e contribuam para suas comunidades” (OMS, 2013, p. 7).

Entretanto, para contemplar o presente trabalho foi necessária a adição de um outro conceito, que acrescenta critérios de análise também relacionados ao desempenho psicológico do sujeito: o bem-estar psicológico (BEP). Tal construto engloba a saúde mental como um item estrutural, mas aprofunda a análise do sujeito frente à sua percepção de si mesmo:

O bem-estar psicológico é um construto baseado na teoria psicológica a respeito do funcionamento positivo ou ótimo. Os pontos de convergência entre definições provenientes de teorias do desenvolvimento humano, psicologia humanista-existencial e saúde mental constituem suas dimensões: auto aceitação, relações positivas com outros, autonomia, domínio sobre o ambiente, propósito na vida e crescimento pessoal (RYFF 1989; RYFF & KEYES, 1995; RYFF & SINGER, 2008 apud MACHADO e BANDEIRA, 2012).

Isto posto, tem-se o BEP como um conceito voltado à introspecção e auto-observância, uma vez que não apenas sugere uma vida livre de conflitos, mas sim um desempenho social consciente e que busque não só



a auto realização, como também relações positivas frente àqueles com os quais convive o sujeito.

A definição do Bem-Estar Psicológico parte do conceito de eudaimonia, proposto por Aristóteles, que enseja o “desenvolvimento dos potenciais únicos de cada pessoa”, estando ligado a “experiências de desenvolvimento pessoal, autorrealização e sentido de vida”. Ademais, o referido construto se estrutura nas lentes das teorias humanistas-existenciais, do desenvolvimento humano e da saúde mental para a criação de seis dimensões (autoaceitação, propósito na vida, domínio sobre o ambiente, relações positivas com os outros, crescimento pessoal e autonomia) a nortearem a análise de sujeitos adultos de quaisquer faixas etárias através de questões autodescritivas a acumularem escores positivos ou negativos (MACHADO; BANDEIRA, 2012).

Tais dimensões, após assimiladas, são confrontadas com três importantes aspectos: desenvolvimentais, psicossociais e sociodemográficos:

A primeira sugere que com o avançar da idade, as pessoas tendem a ser mais confiantes em suas crenças e experiências pessoais, e também manejam melhor o ambiente a fim de atender a suas necessidades. Entretanto, o mesmo processo conduz a uma minimização da busca de objetivos de vida e do investimento no desenvolvimento pessoal. A segunda conclusão é que existe uma forte conexão entre o nível de desigualdade social e o BEP, já que maiores níveis de bem-estar estão presentes em pessoas que possuem melhores oportunidades e condições socioeconômicas. Por fim, no que tange à personalidade, fica evidente que não somente os traços neuroticismo e extroversão desempenham uma influência relevante nos níveis de BEP, mas que outros traços de personalidade também se relacionam com o construto. Isso demonstra uma maior complexidade entre a associação do BEP e traços de personalidade, comparada a outros indicadores de bem-estar (MACHADO; BANDEIRA, 2012).

Portanto, através de escalas psicométricas e confrontos teóricos, de modo a compor uma abordagem tanto quantitativa como qualitativa, proporcionando uma análise biopsicossocial do indivíduo, o Bem-Estar Psicológico se estabelece enquanto um conceito multidimensional a revelar a qualidade do funcionamento psicológico do sujeito (MACHADO; BANDEIRA, 2012).



CARLA REGINA FRANÇOIA, ANDRÉ LUCAS SANTOS RODRIGUES, ERICK FIGUEREDO SANTOS, ISABELLE ELISANDRA KUCH, VICTÓRIA MARIA PINTO CORDEIRO.



Masculinidades e Saúde Mental

Tendo em vista o caráter compulsório de uma masculinidade hegemônica posta em moldes de uma toxicidade expressa na inquestionável virilidade, recusa em admitir sofrimento e negação de vulnerabilidades, nota-se, por consequência, relacionamentos interpessoais deficitários e baixa autonomia emocional. Os ideais identitários construídos por e para os homens podem acarretar sofrimento, principalmente devido ao fato de estes serem, na maioria das vezes, inatingíveis. Segundo Silva (2006), o sofrimento psicológico surge, justamente, quando esses sujeitos não conseguem atingir as exigências normatizadas.

Segundo documento publicado pela Associação Americana de Psicologia (APA, 2018), a masculinidade tradicional, de fato, é psicologicamente nociva aos homens; aponta-se que, quanto mais cedo o homem transgredir as normas impostas mais estará propenso a sofrer abusos de seus colegas e familiares, o que pode acarretar sintomas depressivos, autolesivos e até mesmo condutas suicidas. No que versa o envelhecimento, o mesmo documento aponta que, devido ao fato de que papéis naturalmente concebidos como masculinos tornam-se impraticáveis em virtude da aposentadoria e fragilidade orgânica, esses indivíduos podem ter sua autopercepção prejudicada.

O mesmo relatório sugere que os estereótipos atrelados às normativas da masculinidade branca e eurocêntrica podem desencadear sofrimentos aos homens pertencentes a minorias, que possivelmente acabam assumindo padrões mais rígidos de masculinidade para não sofrerem represálias do meio em que estão inseridos. Nesse contexto, é possível constatar a nocividade em que são submetidos, por exemplo, homens transgêneros em relação a como são expressos (ou não) seu próprio gênero. A cisheteronormatividade compulsória, presente no funcionamento da sociedade e imposta a estes sujeitos, cria barreiras, impede e boicota a manifestação de suas formas de existência no mundo, "o que demanda reconfigurar seus conceitos e conceber o enorme espectro



da diversidade humana como parte integrante de si mesma" (GRADE et al., 2019 apud PINHO et al., 2021, p. 5).

Tendo isso em vista, a pessoa transmasculina pode passar por um processo de hipermasculinização para que sua expressão e o gênero em si sejam reconhecidos, ou seja, uma tentativa de adequação aos comportamentos que a cisheteronormatividade define enquanto masculinos – assumindo, por exemplo, padrões mais rígidos de masculinidade, como já supracitado. Segundo Oliveira (2017 apud PINHO et al., 2021), o “olhar do outro” é, em certa medida, responsável pelo processo de autorreconhecimento destes homens, pois os levam a pensar sobre quem realmente são. No entanto, e mais uma vez, a imposição feita por esse sistema, que rotula tais identidades, pode fazer com que esse olhar também seja negativo, uma vez que, como cita Lanz (2018), tal funcionamento se torna uma referência de (in)validação da identidade de gênero.

Outros dados importantes explicitados no supracitado documento (APA, 2018) demonstram que os homens lideram os números de suicídios e apresentam um alto índice de uso indevido de substâncias, que pode estar relacionado a estados afetivos complicados. No que se refere aos sintomas depressivos, tem-se que estes surgem de forma encoberta, sendo expressos, principalmente, por meio de irritabilidade, reações adversas em situações de ameaça à autoestima ou honra, comportamento compulsivo, somatizações, distanciamento interpessoal, desmotivação e dificuldades de concentração.

É pertinente pontuar que, junto da compreensão das expressões de masculinidades e possíveis decorrências destas no psiquismo dos homens, cabe considerar a interferência de outras instituições e estruturas sociais nas manifestações de saúde mental destes, tais como etnia, condição socioeconômica, nacionalidade, dentre outras (BOTTON, 2007). Assim, deve-se evitar uma visão reducionista dos fatos – estes que ainda passam despercebidos, visto a escassez de estudos dessa natureza no meio acadêmico.



CARLA REGINA FRANÇOIA, ANDRÉ LUCAS SANTOS RODRIGUES, ERICK FIGUEREDO SANTOS, ISABELLE ELISANDRA KUCH, VICTÓRIA MARIA PINTO CORDEIRO.



Método

A presente pesquisa corresponde a um estudo do tipo exploratório e de abordagem quanti-quali, tratando tanto de dados estatísticos acerca dos fenômenos, como da interpretação e atribuição de significados aos mesmos. O parecer favorável (nº 3.704.000) do Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica do Paraná foi emitido em novembro de 2019. A coleta de dados foi realizada no período de novembro/2019 a fevereiro/2020 por meio de um questionário online, elaborado pelos pesquisadores, dividido em duas seções: questões socioeconômicas e questões sobre padrões de masculinidades e saúde mental.

O questionário *Male Role Norms Inventory Revised* (MRNI-R) (LEVANT, 2010) foi o instrumento referência para a elaboração das questões referentes às masculinidades. Este instrumento contém 57 itens que devem ser respondidos em uma escala Likert, cujo objetivo é mensurar as expressões dos padrões tradicionais de masculinidade em oito domínios: evitação da feminilidade; medo/ódio de homossexuais; autoconfiança; agressividade; realizações/status; sexualidade; e emocionalidade restritiva.

No que toca às questões referentes à saúde mental, os pesquisadores se utilizaram dos conceitos de saúde mental preconizados pela Organização Mundial da Saúde (OMS, 2013) e de bem-estar psicológico preconizados por Ryff (1989) para a construção de um questionário capaz de identificar manifestações psicológicas que caracterizam tais conceitos na prática, relacionados, principalmente, à auto e inter-relações satisfatórias do sujeito consigo e com o ambiente, que se apresentam, por exemplo, através da autodeterminação, autoaceitação, relações positivas com outros, autonomia, domínio sobre o ambiente, propósito na vida e crescimento pessoal.

As perguntas da primeira seção do questionário caracterizaram-se como abertas e de múltipla escolha. Já a segunda seção do questionário continha questões do tipo Likert, assim, os participantes da pesquisa deveriam se auto-avaliar conforme as afirmativas apresentadas em uma



escala que varia de 0 a 3 (0- discordo totalmente; 1- discordo parcialmente; 2- concordo parcialmente; 3- concordo totalmente), sendo o número de cada alternativa a respectiva pontuação que lhe será atribuída. Portanto, nas questões que tratavam sobre padrões de masculinidade, as afirmativas trouxeram ideias de comportamentos tradicionais da atual expressão hegemônica; assim, quanto mais próximo aos três pontos o sujeito de pesquisa pontuou, mais ele correspondeu aos ideais normativos de masculinidade. Na seção que trata sobre saúde mental, as afirmativas eram positivas para uma saúde mental satisfatória. Assim, quanto mais próximo aos três pontos o sujeito de pesquisa pontuou em cada afirmativa, maior os indícios de uma saúde mental satisfatória.

Os procedimentos da pesquisa consistiram em revisão de literatura, aplicação do questionário online e posterior análise de dados. A amostra foi selecionada por conveniência. Para atingir o público-alvo, o formulário de pesquisa foi divulgado virtualmente através de redes e mídias sociais, bem como através de cartazes espalhados por instituições de nível superior na cidade matriz dos pesquisadores. Responderam à pesquisa um total de 491 homens.

Ao serem orientados à responder o questionário, os participantes da pesquisa foram direcionados ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, sendo esta primeira etapa da coleta de dados, que contou com a leitura e o assentimento aos pontos ali postos, indispensável para dar continuidade aos demais itens do questionário. A segunda etapa correspondeu à aplicação do questionário para coleta de respostas na íntegra.

Por fim, os pesquisadores tabularam os dados obtidos no software Microsoft Excel que, em seguida, compuseram a base de dados quantitativa que foi analisada pelo programa estatístico IBM SPSS v. 24. A análise qualitativa, por sua vez, apoiou-se no método de análise de conteúdo temática, o qual objetiva “identificar, analisar, interpretar e relatar padrões (temas) a partir de dados qualitativos” (SOUZA, 2019, p. 52). Em outras palavras, essa ferramenta de análise potencializa uma investigação dos dados rica em detalhes, uma vez que permite-se uma



CARLA REGINA FRANÇOIA, ANDRÉ LUCAS SANTOS RODRIGUES, ERICK FIGUEREDO SANTOS, ISABELLE ELISANDRA KUCH, VICTÓRIA MARIA PINTO CORDEIRO.



melhor organização e descrição da base de dados quantitativa. Dessa maneira, a partir da análise do banco de dados oriundos do questionário aplicado, os pesquisadores buscaram por padrões e recursividades temáticas, definindo três principais eixos para investigação: 1) percepções sobre a conduta masculina individual e em relação a outros homens; 2) percepções sobre a própria saúde mental; 3) percepções sobre a conduta masculina em relação às mulheres.

Resultados

A partir da análise dos dados coletados, foi possível traçar o perfil dos homens que responderam à pesquisa. Observa-se que, dos 491 participantes da pesquisa, a maioria são homens cisgênero (n=485), heterossexuais (n=266), brancos (n=309), possuem ensino superior incompleto (n=200) e renda entre dois e cinco salários mínimos (n=178), bem como residem, em sua maioria, no sul do país (n=233). Ademais, a amplitude de idade dos sujeitos da pesquisa variou entre 18 e 63 anos, sendo a média de idade 27 anos.

No que se refere aos homens que se aproximaram do padrão hegemônico de masculinidade, 90% consideram sua saúde mental como satisfatória. Já entre os subalternos, esta porcentagem é de 80%. Dentre as afirmações de masculinidade, a asserção mais pontuada, considerando a pontuação de todos os participantes da pesquisa, foi “eu já cometi agressões físicas ao entrar em uma briga”, sendo que 37,3% de todos os homens da amostragem concordam com a afirmação em algum grau. “Eu me sinto excitado ao me deparar com um beijo entre mulheres” teve a segunda maior pontuação, somando 31,6% dos homens. Ainda entre as mais pontuadas, a afirmação de que “eu dificilmente admitiria para alguém caso ferissem os meus sentimentos” teve percentual de 30,7% dos homens concordando em algum grau.

A seguir, os dados obtidos pela aplicação dos questionários serão explorados de acordo com os eixos temáticos propostos pelos pesquisadores para, posteriormente, serem articulados com a literatura disponível.



1) Percepções sobre a conduta masculina individual e em relação à outros homens

O primeiro eixo temático diz respeito às maneiras como os homens percebem e avaliam condutas masculinas individuais – isto é, a forma como eles, enquanto homens, deveriam se comportar. Também nesse eixo foram analisadas as asserções acerca das condutas masculinas com relação a outros homens. A análise desse eixo temático objetivou desvelar as regras e/ou autorregulas sobre as condutas masculinas que pudessem atravessar a percepção dos participantes frente aos seus padrões de relacionamento inter e intrapessoais.

Analisando as respostas dos homens enquadrados especificamente na categoria de masculinidade hegemônica, tem-se como as asserções mais pontuadas “eu não me sentiria confortável em receber carinho de outro homem” e “eu penso que é papel do homem ditar as regras e a disciplina na família”, sendo que 94,7% destes concordam em algum grau com tais afirmações. Em seguida, as afirmações “sinto que, por ser homem, devo ser o responsável pelo reparo ou conserto de itens domésticos danificados” e “eu acredito que meninos não devam brincar de boneca” apresentaram como resultado que 89,4% dos homens hegemônicos concordam em algum grau (ver Tabela 01, Tabela 02, Tabela 03 e Tabela 04).

Tabela 01 – Eu não me sentiria confortável em receber carinho de outro homem

Eu não me sentiria confortável em receber carinho de outro homem.	Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Concordo parcialmente	Concordo totalmente
Padrão hegemônico	0%	5,3%	15,7%	79%
Padrão subalterno	59,6%	17,6%	11,2%	11,6%

Fonte: os autores.



Tabela 02 – Eu penso que é papel do homem ditar as regras e a disciplina na família

Eu penso que é papel do homem ditar as regras e a disciplina na família.	Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Concordo parcialmente	Concordo totalmente
Padrão hegemônico	0%	5,3%	57,9%	36,8%
Padrão subalterno	77,6%	14%	6,3%	2,1%

Fonte: os autores.

Tabela 03 – Sinto que, por ser homem, devo ser o responsável pelo reparo ou conserto de itens domésticos danificados

Sinto que, por ser homem, devo ser o responsável pelo reparo ou conserto de itens domésticos danificados.	Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Concordo parcialmente	Concordo totalmente
Padrão hegemônico	5,3%	5,3%	26,3%	63,1%
Padrão subalterno	49%	25%	17,6%	8%

Fonte: os autores.

Tabela 04 – Eu acredito que meninos não devam brincar de boneca

Eu acredito que meninos não devam brincar de boneca.	Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Concordo parcialmente	Concordo totalmente
Padrão hegemônico	5,3%	5,3%	26,3%	63,1%
Padrão subaltern/mno	79,3%	12,9%	4%	3,8%

Fonte: os autores.

Outros dados pertinentes à discussão e que refletem a dinâmica das relações interpessoais dos homens participantes estão descritas nas tabelas abaixo. Sobre relações familiares, 73,7% dos homens que se aproximam do padrão hegemônico de masculinidade concordam em algum grau com as afirmações “eu me sinto feliz com minha relação com as pessoas da minha família” e “eu acredito que o homem deva ser o principal provedor da família” (ver Tabela 05 e Tabela 06).



Tabela 05 – Eu me sinto feliz com minha relação com as pessoas da minha família.

Eu me sinto feliz com minha relação com as pessoas da minha família.	Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Concordo parcialmente	Concordo totalmente
Padrão hegemônico	10,5%	15,8%	31,4%	42,3%
Padrão subalterno	10%	25,6%	40,9%	23,5%

Fonte: os autores.

Tabela 06 – Eu acredito que o homem deva ser o principal provedor da família.

Eu acredito que o homem deva ser o principal provedor da família.	Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Concordo parcialmente	Concordo totalmente
Padrão hegemônico	10,5%	15,8%	42,1%	31,6%
Padrão subalterno	71,8%	15,5%	8,3%	4,4%

Fonte: os autores.

Ainda, 68,4% dos homens que se aproximaram do padrão hegemônico de masculinidade concordam em algum grau com a afirmação “eu julgo que os homens devam tomar a decisão final no que envolve dinheiro”, e 63,1% dessa mesma categoria concordam em algum grau com a afirmação “eu acharia bobo ou constrangedor se um amigo meu chorasse por causa de uma história de amor” (ver Tabela 07 e Tabela 08).



Tabela 07 – Eu julgo que os homens devam tomar a decisão final no que envolve dinheiro.

Eu julgo que os homens devam tomar a decisão final no que envolve dinheiro.	Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Concordo parcialmente	Concordo totalmente
Padrão hegemônico	5,3%	26,3%	52,6%	15,8%
Padrão subalterno	83,9%	10,6%	4,4%	1,1%

Fonte: os autores.

Tabela 08 – Eu acharia bobo ou constrangedor se um amigo meu chorasse por causa de uma história de amor.

Eu acharia bobo ou constrangedor se um amigo meu chorasse por causa de uma história de amor.	Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Concordo parcialmente	Concordo totalmente
Padrão hegemônico	5,3%	31,6%	36,8%	26,3%
Padrão subalterno	87,1%	9,3%	2,5%	1,1%

Fonte: os autores.

Ainda, é relevante apontar que 73,7% dos homens enquadrados no padrão hegemônico de masculinidade concordam em algum grau com a afirmação “eu penso que o casamento entre homens gays é errado”, e 78,9% dessa mesma categoria concorda com a afirmação “eu acredito que homens gays não deveriam se beijar em público” (ver Tabela 09 e Tabela 10).

Tabela 09 – Eu penso que o casamento entre homens gays é errado.

Eu penso que o casamento entre homens gays é errado.	Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Concordo parcialmente	Concordo totalmente
Padrão hegemônico	15,8%	10,5%	26,3%	47,4%
Padrão subalterno	87,5%	3,6%	2,3%	6,5%

Fonte: os autores.



Tabela 10 – Eu acredito que homens gays não deveriam se beijar em público.

Eu acredito que homens gays não deveriam se beijar em público.	Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Concordo parcialmente	Concordo totalmente
Padrão hegemônico	5,3%	15,8%	21%	57,9%
Padrão subalterno	76,6%	11,2%	6,1%	5,9%

Fonte: os autores.

2) Percepções sobre a própria saúde mental

O segundo eixo temático diz respeito às percepções dos participantes sobre a sua própria saúde mental, de acordo com as dimensões preconizadas pelo conceito de Bem-Estar Psicológico e com as premissas da Organização Mundial de Saúde. A análise desse eixo temático objetivou descortinar as maneiras pelas quais as normas rígidas de masculinidade podem impactar a saúde mental dos homens.

Dentre todos os homens que responderam à pesquisa, 64,4% discordam em algum grau com a afirmação “não existe nada em minha aparência que não me faça sentir bem”. Em seguida desta, a asserção mais pontuada foi “não percebo a interferência de sentimentos como tristeza ou depressão no meu dia a dia”, uma vez que 61,9% destes homens discordaram de alguma forma. A terceira mais pontuada, com 59,3% dos homens discordando em algum grau, foi “eu costumo fazer consultas médicas de rotina”.

Considerando especificamente os homens dentro da classificação de masculinidade hegemônica, 52,6% deles discordam em algum grau da afirmação “quando eu estou com alguma dificuldade pessoal, eu costumo pedir ajuda para amigos, parentes, conhecidos, colegas”. Sobre as asserções que dizem “eu costumo fazer consultas médicas de rotina” e “eu já refleti criticamente sobre o que é ser homem”, 47,4% dos homens hegemônicos assinalaram que discordam em algum nível (ver Tabela 11, Tabela 12 e Tabela 13).



Tabela 11 – Quando eu estou com alguma dificuldade pessoal, eu costumo pedir ajuda para amigos, parentes, conhecidos, colegas

Quando eu estou com alguma dificuldade pessoal, eu costumo pedir ajuda para amigos, parentes, conhecidos, colegas.	Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Concordo parcialmente	Concordo totalmente
Padrão hegemônico	21%	31,6%	21%	26,4%
Padrão subalterno	14,6%	33,3%	30,3%	21,8%

Fonte: os autores.

Tabela 12 – Eu costumo fazer consultas médicas de rotina.

Eu costumo fazer consultas médicas de rotina.	Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Concordo parcialmente	Concordo totalmente
Padrão hegemônico	26,4%	21%	31,6%	21%
Padrão subalterno	36,7%	23,1%	21,6%	18,6%

Fonte: os autores.

Tabela 13 – Eu já refleti criticamente sobre o que é ser homem

Eu já refleti criticamente sobre o que é ser homem.	Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Concordo parcialmente	Concordo totalmente
Padrão hegemônico	21%	26,4%	10,5%	42,1%
Padrão subalterno	6,4%	7,6%	24,1%	61,9%

Fonte: os autores.

Ademais, no que tange as emoções, os dados apontam que 52,7% dos homens de masculinidade hegemônica concordam em algum grau com a afirmação “eu acredito que, por ser homem, não devo chorar na presença de outra(s) pessoa(s)” e 89,5% dessa mesma categoria concorda



em algum grau com a afirmação “eu penso que quando as coisas ficam difíceis, os homens devem ser durões” (ver Tabela 14 e Tabela 15).

Tabela 14 – Eu acredito que, por ser homem, não devo chorar na presença de outra(s) pessoa(s).

Eu acredito que, por ser homem, não devo chorar na presença de outra(s) pessoa(s).	Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Concordo parcialmente	Concordo totalmente
Padrão hegemônico	10,5%	36,8%	10,5%	42,2%
Padrão subalterno	68,9%	18,2%	8%	4,9%

Fonte: os autores.

Tabela 15 – Eu penso que quando as coisas ficam difíceis, os homens devem ser durões.

Eu penso que quando as coisas ficam difíceis, os homens devem ser durões.	Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Concordo parcialmente	Concordo totalmente
Padrão hegemônico	0%	10,5%	31,6%	57,9%
Padrão subalterno	49,5%	26,4%	16,1%	7,8%

Fonte: os autores.

3) Percepções sobre a conduta masculina em relação às mulheres

O terceiro eixo temático trata das percepções dos participantes acerca das condutas masculinas em relação às mulheres. As análises derivadas desse terceiro eixo objetivaram desvelar a forma como a misoginia e a antifeminilidade, cernes do padrão dominante de masculinidade, podem atravessar as relações que os homens estabelecem com as mulheres, resultando, na maior parte das vezes, em relações assimétricas, opressivas e violentas.

Assim, nota-se que 68,4% dos homens cujo padrão de masculinidade se aproxima do hegemônico concordam em algum grau com a afirmação “eu não me considero uma pessoa agressiva”, e 26,3%



CARLA REGINA FRANÇOIA, ANDRÉ LUCAS SANTOS RODRIGUES, ERICK FIGUEREDO SANTOS, ISABELLE ELISANDRA KUCH, VICTÓRIA MARIA PINTO CORDEIRO.



dos homens dessa mesma categoria concordam em algum grau com a afirmação “eu já agi de forma agressiva com uma mulher”. Ainda, frente a afirmação “Eu não vejo problema em um homem usar todo e qualquer meio para “convencer” sua/seu parceira(o) a fazer sexo”, 52,6% dos homens hegemônicos concordaram em algum grau com a mesma (ver Tabela 16, 17 e 18).

Tabela 16 – Eu não me considero uma pessoa agressiva.

Eu não me considero uma pessoa agressiva.	Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Concordo parcialmente	Concordo totalmente
Padrão hegemônico	0%	31,6%	26,3%	42,1%
Padrão subalterno	8,9%	15,2%	29,6%	46,1%

Fonte: os autores.

Tabela 17 – Eu já agi de forma agressiva com uma mulher.

Eu já agi de forma agressiva com uma mulher.	Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Concordo parcialmente	Concordo totalmente
Padrão hegemônico	42,1%	31,6%	21%	5,3%
Padrão subalterno	57,4%	19,4%	16,3%	6,7%

Fonte: os autores.

Tabela 18 – Eu não vejo problema em um homem usar todo e qualquer meio para “convencer” sua/seu parceira(o) a fazer sexo.

Eu não vejo problema em um homem usar todo e qualquer meio para “convencer” sua/seu parceira(o) a fazer sexo.	Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Concordo parcialmente	Concordo totalmente
Padrão hegemônico	31,6%	15,8%	26,3%	26,3%
Padrão subalterno	77,9%	13,9%	5%	2,9%

Fonte: os autores.



Discussão

A partir do prévio entendimento conceitual do tema norteador, faz-se possível analisar os dados colhidos através de questionário e organizados em eixos temáticos de acordo com a literatura disponível sobre a temática central do estudo. Sob a ótica do estudo de Machado e Bandeira (2012), supracitado nesta pesquisa no tópico Bem-estar psicológico e saúde mental, é possível que a análise perpassasse pelas dimensões de autoaceitação, propósito na vida, domínio sobre o ambiente, relações positivas com os outros, crescimento pessoal e autonomia, tendo em vista os impactos psicológicos diversos de acordo com marcadores de raça, classe social e identificação de gênero.

Inicialmente, tem-se que o perfil majoritário do homem participante da pesquisa se constituiu em uma figura cisgênero, heterossexual, branco, de 27 anos de idade, com o ensino superior incompleto, renda de 2 a 5 salários mínimos e residente na região sul do Brasil. Em relação à classificação de masculinidades, 3,8% dos homens entrevistados se aproximaram em pontuação daquela expressão tida como hegemônica. Apesar da baixa porcentagem, mostra-se relevante o fato de que, dos 19 homens classificados nessa categoria, 100% se declaram cisgêneros, 94,7% heterossexuais e 57,8% brancos. Por outro lado, quando analisados os grupos identitários contra-normativos, tem-se que pontuaram o suficiente para se aproximarem da subalternidade: 100% dos transgêneros, 99,3% dos homossexuais, 100% dos bissexuais, 98,1% dos negros, 100% dos indígenas e 100% dos asiáticos.

Apesar dessas características imperarem entre a população masculina que se submeteu a responder ao questionário, suas condutas e posicionamentos apontam para uma minoria hegemônica da amostra, precisamente gritante, de 3,8% dos homens, enquanto 96,2% exibem proximidade aos ideais subalternos vigentes. Dessarte, é plausível pensar a respeito da crise da masculinidade, definida por Botton (2017) como uma reação por parte dos homens quando estes se defrontam com a possibilidade da desconstrução de padrões rígidos e cristalizados socialmente, gerando penoso desconforto diante dessa posição e,



CARLA REGINA FRANÇOIA, ANDRÉ LUCAS SANTOS RODRIGUES, ERICK FIGUEREDO SANTOS, ISABELLE ELISANDRA KUCH, VICTÓRIA MARIA PINTO CORDEIRO.



portanto, possibilitando novas formas de “ser homem” desatreladas aos pressupostos hegemônicos.

Essas particularidades, no que diz respeito à literatura, estão diretamente relacionadas a uma performance considerada mais honrada de acordo com a historicidade. É possível identificar que esses traços sustentam uma posição social de liderança atrelada a um jogo de poder com as demais expressões de masculinidade, cujas características não são supervalorizadas como aquelas da parcela hegemônica, constituídas nos moldes do patriarcado (CONNELL apud ZANELLO, 2018; KIMMEL, 1998).

Dentre as afirmações de masculinidade, a asserção mais pontuada, considerando a pontuação de todos os participantes da pesquisa, foi “eu já cometi agressões físicas ao entrar em uma briga”, sendo que 37,3% dos homens concordam com a afirmação em algum grau. Esse dado corrobora diretamente com os alertas da APA (2018), demonstrando que de fato os homens são ensinados a resolver seus conflitos de forma violenta.

Curiosamente, no questionário de saúde mental, de 78,9% dos homens que pontuaram dentro da categoria de masculinidade hegemônica e que concordaram que haviam cometido agressões físicas ao entrar em uma briga, 68,4% também concordaram em algum grau com a afirmação “eu não me considero uma pessoa agressiva”. Essa contradição pode ser explicada pela naturalização do comportamento violento esperado dos homens. Essa característica fora exposta pelo documento da APA (2018) e, como citado anteriormente, afirma que essa banalização da violência e agressividade em homens é construída desde a infância, uma vez que eles são ensinados a resolver seus conflitos dessa maneira - gerando um sentimento de reforço e proteção de sua masculinidade - e resultam nos índices que indicam serem os homens quem mais cometem e sofrem violência.

Com relação a parcela classificada como subalterna é verificada uma proporção muito menos significativa. Entre os subalternos, 75,7% concordaram em algum grau com a afirmação “Eu não me considero uma pessoa agressiva”, entretanto, somente 35,5% alega já ter cometido



agressões ao entrar em uma briga. Percebe-se, portanto, um percentual de agressividade prática bastante menor quando comparado ao grupo hegemônico, alvo de contradição.

Isso possivelmente se dá pelos padrões impostos pressuporem uma virilidade, o que propicia a criação de um ambiente social opressor e estereotipado. Desde a infância, os homens são encorajados a serem independentes e buscarem o sucesso em tudo o que fazem, constituindo um senso de competitividade que irá permear suas interações futuras (WANG et al., 2006). O desempenho se torna uma preocupação vital para a satisfação pessoal dos homens que crescem nesse modelo, dessa forma Wang et al. (2006) afirmam que:

Um desempenho profissional ou sexual pouco satisfatório constitui fracasso, de difícil elaboração, reforçando ainda mais a carga já existente dos estereótipos. Em alguns casos, a conjunção desses fatores pode levar o homem a fazer da violência a principal alternativa de defesa contra o sentimento de frustração e menos-valia. Uma vez aprendida a lição, o menino já não chora, mas bate (WANG et al., 2006, p. 57).

Outrossim, entende-se que a violência constitui método de expressão do emocional não elaborado, como meio último de manutenção do poder e do orgulho exigidos pela conduta normativa de masculinidade frente a situações de frustração. Tendo em voga os resultados expostos, é possível entender que o homem hegemônico não percebe sua conduta agressiva por desconsiderar outra forma de agir, senão visando a garantia de sua soberania através da imposição, como outrora lhe foi feito.

Outro exemplo que corrobora tal percepção é o fato de que a maior parte dos homens hegemônicos (73,7%) se sente feliz na relação com as pessoas de sua família, de forma que 94,7% deles acreditam também que “é papel do homem ditar as regras e a disciplina na família”, 73,7% que “o homem deve ser o principal provedor da família”, assim como 68,4% que “os homens devam tomar a decisão final no que envolve dinheiro”. Tais informações levam a crer que o fato de sentirem-se felizes na relação com as pessoas de sua família está ligado ao papel que desempenham nessa relação, já que, mais uma vez, ocupam o lugar de destaque, exercendo dominação e comando sobre qualquer outro membro; dinâmica machista,



CARLA REGINA FRANÇOIA, ANDRÉ LUCAS SANTOS RODRIGUES, ERICK FIGUEREDO SANTOS, ISABELLE ELISANDRA KUCH, VICTÓRIA MARIA PINTO CORDEIRO.



proveniente da cultura patriarcal, e que conflita com o que se espera de uma relação igualitária e democrática, pautada pela sinceridade emocional, trocas afetivas e respeito mútuo.

No que se refere aos padrões de relacionamentos, observa-se, dentre os dados obtidos, que notável maioria (94,7%) dos homens que se aproximam de uma masculinidade hegemônica concordam em algum grau com a afirmação “Eu não me sentiria confortável em receber carinho de outro homem”, assim como 63,1% concordam em algum grau com a afirmação “Eu acharia bobo ou constrangedor se um amigo meu chorasse por causa de uma história de amor”. Ainda, cerca de 84% dos homens classificados como hegemônicos concordam em algum grau com a proposição “Eu dificilmente admitiria para alguém caso ferissem os meus sentimentos”. E mais da metade (52,3%) destes mesmos sujeitos concordaram em algum grau com: “Eu acredito que, por ser homem, não devo chorar na presença de outra(s) pessoa(s)”. Ademais, quase 90% dos homens identificados com o padrão hegemônico de masculinidade concordam em algum grau com a afirmação “Eu penso que quando as coisas ficam difíceis, os homens devem ser durões”.

Os dados apresentados vão ao encontro do que é desenvolvido no documento “Boys and Men Guidelines Group: guidelines for psychological practice with boys and men” (APA, 2018), quando este menciona que meninos são ensinados desde cedo que sofrerão represálias se transgredirem às normas impostas; essas ameaças podem influenciá-los pela vida toda. Além disso, também são constantemente humilhados por expressarem vulnerabilidade emocional e dessa forma, podem apresentar consequências em suas futuras relações. As consequências desses ensinamentos atingem também homens que não estão dentro das normas estipuladas, como homossexuais, transgêneros e gender-nonconforming.

Ademais, a compulsoriedade estipulada pelo modelo hegemônico prevê a negação de características ditas "femininas", ou seja, contrárias ao ideal de virilidade. Nesse sentido, a expressão de afetos e de vulnerabilidade em seus relacionamentos torna-se algo a ser evitado a qualquer custo pelos hegemônicos. A recusa incisiva e incessante ao feminino e suas características pode justificar os elevados índices de



feminicídio, uma vez que há uma manifestação significativa de ideais misóginos nessa forma de pensar, construída em moldes patriarcais. No presente estudo, 26,3% dos homens que se aproximam do padrão hegemônico de masculinidade concordam em algum grau com a afirmação “eu já agi de forma agressiva com uma mulher”, o que revela uma atitude naturalizada por parte desses homens que sequer sentiram-se intimidados em relatar tal conduta na pesquisa. Ainda, mais da metade dos homens (52,6%) que se enquadram nesse mesmo padrão de masculinidade concordam em algum grau com a afirmação “eu não vejo problema em um homem usar todo e qualquer meio para “convencer” sua/seu parceira(o) a fazer sexo”, o que reforça um padrão patriarcal de hierarquia, onde a mulher deve subjugar-se ao homem e estar sob o controle deste (ALMEIDA, 2004).

Em adição, tal recusa ao feminino é, também, fator responsável por diversas condutas fóbicas frente à população LGBTI, uma vez que esse grupo comumente rompe com os padrões heteronormativos de gênero e conduta do que se entende por um homem másculo e viril, conforme vislumbrado através das afirmações “Eu penso que o casamento entre homens gays é errado”, com a qual concordam 73,7% dos hegemônicos; assim como quase 80% concorda em algum grau com a proposição “Eu acredito que homens gays não deveriam se beijar em público”.

Conclui-se, portanto, que a masculinidade hegemônica atual está relacionada a padrões violentos contra homens que não estão em conformidade com o padrão vigente. Esses padrões restritivos também impedem os homens de serem emocionalmente vulneráveis e formarem conexões adultas profundas. Esses papéis estão ligados ao medo de homens serem íntimos e o desconforto em relação ao contato físico com outros homens. Assim, os padrões hegemônicos também afetam negativamente o bem-estar de relações íntimas (APA, 2018).

Em relação a uma possível autocrítica frente à performatividade da própria expressão de masculinidade, interessa notar que quase metade (47,4%) dos homens classificados como hegemônicos afirmam discordar em algum grau da afirmação: “eu já refleti criticamente sobre o que é ser homem”, enquanto no grupo classificado como subalterno a porcentagem



CARLA REGINA FRANÇOIA, ANDRÉ LUCAS SANTOS RODRIGUES, ERICK FIGUEREDO SANTOS, ISABELLE ELISANDRA KUCH, VICTÓRIA MARIA PINTO CORDEIRO.



de discordância cai para 14%. Já quanto à saúde mental dos participantes, temos que os classificados hegemônicos a apresentam com maioria satisfatória (89,5%), assim como aqueles que receberam o título de subalternos evidenciaram características que configuram uma saúde mental mais positiva, com predomínio de respostas satisfatórias a nível de saúde mental (80,1%), conforme. Os resultados, aparentemente contraditórios, na realidade evidenciam o que postula Foucault ao estabelecer, em sua teoria, o entendimento de que as relações de gênero são pautadas, sobretudo, na naturalização de papéis a partir de uma coerção definida social e historicamente.

Dessa forma, é possível desconstruir o entendimento de que o homem é o principal vilão desse sistema e repensá-lo como alguém também sob a influência das construções sócio-históricas dos papéis de gênero e que, estando nesse lugar, é amparado pelos benefícios de desempenhar o papel que lhe é esperado – o que lhe confere certa vantagem na performance social e, por consequência, maior sensação de bom desempenho no que se refere à saúde mental.

Considerações Finais

O objetivo dessa pesquisa consistiu em demonstrar como a emancipação da masculinidade hegemônica tem impactado na saúde mental do homem na contemporaneidade. Dessa forma, foi possível conceber que a parcela de homens que expressam o padrão de hegemonia está em declínio conforme corroborado pela crise da masculinidade, que prevê o distanciamento dos homens desses ideais, acarretando o crescimento da expressão de outras formas de “ser homem”, aqui consideradas subalternas. Contudo, a supervalorização das características hegemônicas ainda é uma realidade e portanto, é também tida como referência para se comportar e se relacionar socialmente e acerca de si próprio.

Por isso, ressalta-se a importância de uma melhor compreensão a respeito das masculinidades hegemônicas e subalternas, dado o efeito que estas possuem nas relações sociais como um todo, pois permeiam a



construção da subjetividade dos homens e como estes se avaliam e avaliam o mundo. O entendimento da construção histórica dessas masculinidades nos permite agir sobre elas para que seja possível uma reconstrução mais equilibrada e benéfica para todos.

Os resultados obtidos na pesquisa confirmaram o padrão eurocêntrico da masculinidade hegemônica, que gira em torno de homens brancos, heterossexuais e cisgêneros. Confirmando também a preocupação com a virilidade masculina, seja pela recusa em expressar sentimentos, seja pela resolução de conflitos através da violência. Salienta-se que a construção das relações familiares dos homens hegemônicos sugere basear-se em sua autoridade na distribuição de regras e controle da organização familiar, o que pode comprometer a veracidade da sensação de bem-estar frente ao relacionamento familiar.

A pesquisa realizada apresentou algumas limitações quanto a sua amostra. A divulgação do questionário *online* foi realizada de forma aleatória, a fim de atravessar os mais diversos espaços e possibilitar atingir diferentes perfis de participantes. Entretanto, observamos a falta de uma maior representatividade dos dados obtidos, uma vez que a maior parcela dos homens atingidos pelo estudo consistiu em indivíduos brancos, cisgênero, heterossexuais e residentes da região sul do país. Além disso, o fato do questionário ter sido aplicado de forma virtual incidiu em um menor controle dos pesquisadores sobre quem estava aderindo à pesquisa. Outro aspecto percebido pelos pesquisadores como limitante refere-se à ausência de um instrumento compatível com a realidade brasileira que se proponha a avaliar as expressões dos padrões de masculinidades. Conforme descrito no método, foi realizada uma adaptação do questionário *Male Role Norms Inventory Revised* (MRNI-R) elaborado por Levant (2010), no entanto, a existência de um instrumento já validado traria maior confiabilidade aos dados obtidos.

No que tange às contribuições do estudo para a clínica no campo da saúde mental, consideramos que este pode auxiliar no reconhecimento de determinantes sociais que resultam na vulnerabilidade dos homens ao sofrimento psíquico e à violência, fator que pode ser relevante aos profissionais no momento do planejamento de estratégias preventivas e



CARLA REGINA FRANÇOIA, ANDRÉ LUCAS SANTOS RODRIGUES, ERICK FIGUEREDO SANTOS, ISABELLE ELISANDRA KUCH, VICTÓRIA MARIA PINTO CORDEIRO.



interventivas orientadas a esse público-alvo. A presente pesquisa, portanto, pode contribuir para que profissionais da saúde mental estejam mais sensíveis às consequências deletérias ao bem-estar psicológico masculino oriundas das normas hegemônicas de masculinidade.

Evidencia-se, ainda, a importância dos dados colhidos e da discussão contemplada, dada a rigidez estrutural da expressão de masculinidade hegemônica, que pode prejudicar não somente os homens, mas, também, aqueles à sua volta: familiares, mulheres, amigos, colegas de trabalho e outros. Frente ao exposto, entende-se a importância de ressignificar tais relações, a fim de que se alcance uma vida autodeterminada e emancipada de valores morais e culturais por vezes deletérios ao convívio individual, familiar e social desses sujeitos.

Referências

ALMEIDA, Tânia Mara Campos de. As raízes da violência na sociedade patriarcal. *Sociedade e Estado*, v. 19, n. 1, p. 235-243, 2004.

ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSICOLOGIA (APA). *Boys and Men Guidelines Group: guidelines for psychological practice with boys and men* (tradução nossa). 2018.

BRASIL, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). *Atlas da violência*. 2017.

BOTTON, Fernando Bagiotto. As masculinidades em questão: uma perspectiva de construção teórica. *Revista Vernáculo*, v. 1, n. 19/20, 2007.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade*. 9 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CONNELL, Robert W. Políticas da masculinidade. *Educação e Realidade*, 20(2): 185-206, jul.-dez., 1995.

_____; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 21(1): 241-282, jan.-abr., 2013



CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. *História da virilidade*. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

DUTRA, Flora A.; ORELLANA, Carlos. Selfies no Tinder: masculinidades hegemônicas como performances. *Revista Latinoamericana de Comunicación*, N.º 135, agosto - novembro 2017.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. 6 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

GOOGLE. *Dossiê Brandlab: A Nova Masculinidade e os Homens Brasileiros*. São Paulo, 2018.

KIMMEL, Michael S. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 4, n. 9, p. 103-117, out., 1998.

LANZ Letícia. Por que tenho medo de lhe dizer quem sou. In: RIBEIRO Paula Regina Costa, et al. (Org.). *Corpo, gênero e sexualidade: resistência e ocupa(ções) nos espaços de educação*. Rio Grande: Editora da FURG, 2018, 49-67p.

LEVANT, Ronald F. et al. Evaluation of the factor structure and construct validity of scores on the Male Role Norms Inventory—Revised (MRNI-R). *Psychology of Men & Masculinity*, v. 11, n. 1, p. 25, 2010.

MACHADO, Wagner L., de. BANDEIRA, Denise R. Bem-estar psicológico: definição, avaliação e principais correlatos. In: *Estudos de Psicologia*. Campinas, 2012.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). *Relatório mundial da saúde: saúde mental nova concepção, nova esperança*. Genebra, World Health Organization, 2003.

PASSOS, Giseli Cristina dos; CASAGRANDE, Lindamir Salete. Homens (trans): da invisibilidade às transmasculinidades na educação. *Cad. Gên. Tecnol.*, Curitiba, v. 11, n. 37, p. 60-72, jan./jun. 2018.



CARLA REGINA FRANÇOIA, ANDRÉ LUCAS SANTOS RODRIGUES, ERICK FIGUEREDO SANTOS, ISABELLE ELISANDRA KUCH, VICTÓRIA MARIA PINTO CORDEIRO.



PINHEIRO, Thiago Félix; COUTO, Márcia Thereza. Homens, masculinidades e saúde: uma reflexão de gênero na perspectiva histórica. *Cadernos de História da Ciência*, v. 4, n. 1, p. 53-67, 2008.

PINHO P. H. et al. Os itinerários terapêuticos pelo Sistema Único de Saúde (SUS) de homens trans em busca do processo transexualizador. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, v. 13, n. 11, p. e 9116, 5 nov. 2021.

RYFF, Carol D. Happiness is everything, or is it? Explorations on the meaning of psychological well-being. *Journal of Personality and Social Psychology*, v. 57, n. 6, 1069–1081, 1989.

SILVA, Sergio Gomes da. A crise da masculinidade: uma crítica à identidade de gênero e à literatura masculinista. *Psicologia: ciência e profissão*, v. 26, n. 1, p. 118-131, 2006.

SOUZA, Luciana Karine de. Pesquisa com análise qualitativa de dados: conhecendo a Análise Temática. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 71, n. 2, 51-67, 2019.

TAYLOR, Dianna. *Michel Foucault: Conceitos Fundamentais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

VIANA JÚNIOR, Mário Martins. Masculinidades: ampliando o debate. *Revista Fórum Identidades*, v. 23, n. 23, 2017.

WAISELFISZ, Julio Jacobo. *Mapa da violência 2015: homicídio de mulheres no Brasil*. Brasília, FLACSO Brasil, 2015.

ZANELLO, Valeska. *Saúde mental, gênero e dispositivos*. Curitiba: Appris, 2018.

Arrangements of Masculinity(ies) and Men's Psychological Well-Being

ABSTRACT: This study aims to demonstrate how the emancipation of hegemonic masculinity has impacted the mental health of contemporary men. Hegemonic masculinity can be understood as that expression, among several others, that becomes dominant in a given space and time, being considered the most honorable way of being a man, oppressing the manifestation of any other divergent expressions (called subalterns). Considering that several studies has related self-aggressive and hetero-aggressive behaviors as performed majority by men, this research speculates the relation of those with the normative compulsoriness of the incorporation of a virile, dominant and insensitive masculinity since an early age. The research followed a quantitative and qualitative approach, by having as main instrument of data collection an online questionnaire elaborated by the researchers. As a result, 491 men participated in the survey, knowing that 19 of those approached a hegemonic pattern of masculinity and 472 approached a subordinate pattern of it. Through the analysis of results, it was possible to observe that the compulsory adoption of the hegemonic expression of masculinity impacts directly or indirectly on the emotional autonomy and identity of men, hampering authentic experiences and relationships, which can lead to complications in their mental health.

KEYWORDS: Masculinities. Mental Health. Psychological Well-Being. Gender.

Carla Regina Françaia

Pontifícia Universidade Católica do Paraná

Doutora em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

Email: carrefran@me.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1843-9578>

André Lucas Santos Rodrigues

Pontifícia Universidade Católica do Paraná

Graduado em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

Email: andre_rdg@live.com

<http://orcid.org/0000-0002-1826-7649>

Erick Figueredo Santos

Graduado em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

Email: eriickfigueredo@live.com

Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-9646-180X>

Isabelle Elisandra Kuch

*Universidade Federal do Paraná
Graduada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná
e mestranda em Psicologia pela Universidade Federal do Paraná.*

Email: isabelle_kuch@hotmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3380-1632>

Victória Maria Pinto Cordeiro

*Graduada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná
e residente do programa de Residência Multiprofissional em Saúde da Família pela
Secretaria Municipal de Saúde de Curitiba.*

Email: victoriamariapcordeiro@gmail.com

Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-9010-9258>

Recebido em: 07/08/2020

Aprovado em: 08/03/2022